SE: FSLF, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.

– Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p.

CAMPOS, Helena Guimarães. A história e a formação para cidadania nos anos iniciais do ensino fundamental. 1 ed. São Paulo, livraria Saraiva 2012.

CRUVINEL, Fabiana Rodrigues. ALVES, Gabrielle Marques. Como desenvolver a linguagem oral e escrita na Educação Infantil. Revista científica eletrônica de pedagogia. Ano XI – Número 21 – Janeiro de 2013

EUGÊNIO, Mayra Lopes. ESCALDA, Júlia. LEMOS, Stela Maris Aguiar. Desenvolvimento Cognitivo, Auditivo e Linguístico em Crianças Expostas à Música: Produção de Conhecimento Nacional e Internacional. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, MG. Rev. CEFAC. 2012.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. A importância do brincar na educação infantil. 2009. Disponível em < http://monografias.brasilescola.uol.com.br/educacao/a- importancia-brincar-na-educacao-infantil.htm > Acesso em: 01/06/2021

HOFFMANN, Jussara. Avaliação e Educação Infantil: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Ed. Mediação 18ª ed. 2012

NEVES, José. GARRIDO, Margarida Vaz. SIMÕES, Eduardo. Manual de Competências Pessoais, Interpessoais e Instrumentais – Teoria e Prática. Edições Sílabo, Lda. 3ª Edição – Lisboa, Abril de 2015

NONO, Maévi Anabel. Identidade e Autonomia na Educação Infantil. UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Departamento de Educação São José do Rio Preto, 2011, São Paulo.

PIAGET, Jean. Construção do Real na criança. Fundamentos, 1996, 3 ed.

SÁTIRO, Angélica. Brincar de pensar: com crianças de 3 a 4 anos. São Paulo. Editora Ática, 160 p. 2012.

ZANONA, Roberta Castaldoni. Educar por competências na educação profissional. Centro Paula Souza, São Paulo: 2015.

A ARTE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

ALINE APARECIDA DA COSTA DEFENDI TRINDADE

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover reflexões sobre a integração das atividades artísticas no currículo escolar enquanto área específica como mecanismo para promoção de uma aprendizagem significativa, área que por muito tempo vem sendo trabalhada na sala de aula como mera auxiliadora das demais disciplinas. Ter como base refletir sobre o Ensino da Arte na escola, bem como, compreender a leitura de imagens como proposta pedagógica, se contempla ou não o real papel da arte na educação. Buscando um diálogo com alunos e professores, a arte passa a ser uma necessidade, e é assim que elas vão se descobrindo dentro do processo de aprendizagem e desenvolvimento e consequentemente na aquisição da escrita,

dessa forma a escrita deixa de ser uma representação mental e passa a ser uma representação gráfica, carregada de sentidos, assim como o desenho que, primeiramente passa pelo plano da representação mental e só depois a criança passa à representação gráfica.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Artes; Formação de Artes; Artes e Ensino Infantil.

INTRODUÇÃO

O ensino da Arte é reconhecido pela atual legislação educacional brasileira como componente curricular obrigatório no ensino. Mas, assim como as outras disciplinas reconhecidas, esta área também é permeada de conflitos. O desenvolvimento do pensamento da criança está ligado a capacidade representativa, para que o pensamento aconteça é necessário que haja a capacidade de tornar presente, isto é, de substituir coisas ausentes por meio de palavras e imagens.

A cada representação que a criança faz, o jogo simbólico e o desenho passam a ser uma necessidade, e é assim que elas vão se inserindo no processo de aprendizagem, desde o estágio pré-operatório, onde se inicia o processo de representação, interagindo com a escrita como se a mesma fosse um jogo que contém regras e, também o imaginário. Dessa forma a escrita deixa de ser uma representação mental e passa a ser uma representação gráfica, carregada de sentidos, assim como o desenho que, inicialmente passa pelo plano da representação mental e só depois a criança passa a representá-lo graficamente. Assim, o desenho infantil pode ser considerado precursor da escrita, estando diretamente relacionado ao processo de aquisição de novas aprendizagens.

A arte de desenhar desperta nos seres humanos a sensibilidade, pois para que a imagem apareça no papel, ou em qualquer outro material, vários sentidos perceptíveis do nosso corpo trabalham: a visão, o pensamento criativo, o gosto sensitivo pela forma, cor e até a percepção de outros saberes. É comum a visão de que o desenho é apenas uma atividade prática, em que só se trabalha a mão, dissociando-o do pensar. Contudo, há uma estreita relação entre “pensar e fazer, teoria e prática, conceito e ação”.

Portanto, evidenciamos a Educação Infantil como sendo a primeira etapa da Educação Básica como espaço de promoção e apropriação das diversas formas de linguagens e expressões, sendo o desenho dotado de significados. A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar.

I. A ARTE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao dissertar sobre a importância da arte na educação de crianças, é também necessário abordar sobre a atuação do professor neste contexto, sobre sua importância no aprendizado e desenvolvimento dos alunos, assim como, sobre sua formação nesse processo e para que possam realizar um trabalho de qualidade com as crianças, os professores de educação infantil e dos anos iniciais precisam estar em constante reciclagem teórica e metodológica, numa busca pelo aprimoramento da prática pedagógica.

Assim sendo, é preciso ver como a cultura é construída e transmitida por meio das relações que se estabelecem socialmente, inclusive em sala de aula, pois, professores e alunos também são produtores e assimiladores de cultura (Lopes, 1999), e de acordo

com Ketzer:

Ter cultura independe de ter erudição, trata-se de uma condição inerente a todo ser vivo que, com suas experiências, produz significados individual e coletivamente no conjunto de atores sociais de seu tempo (KETZER, 2003, p. 12).

Conforme Martins Filho (2005), a criança, com suas brincadeiras, sua forma de compreender o mundo, seu modo mágico de pensar e sua construção individual como pessoa também produz cultura. Neste sentido, considera-se:

[...] suas manifestações como provenientes de uma cultura própria da infância, seja sob a forma como as interpretam e interagem, seja nos efeitos que nelas produzem, a partir de suas próprias práticas... Formas de ação social próprias deste grupo, ou seja, maneiras específicas de ser criança (MARTINS FILHO, 2005, p. 19).

Entende-se, portanto, que a formação do professor não se constrói de uma só vez, mas é somente o produto, o resultado de um curso de licenciatura. A formação do professor não se constrói de uma só vez, mas é um processo constante, contínuo, que se dá ao longo da sua formação e da sua atuação como professor, da sua vivência na prática, assim como, nas relações e desafios que encontra em seu trabalho com as crianças, nas necessidades visíveis e não visíveis que elas apresentam ou deixam transparecer em seus comportamentos, e na conscientização progressiva sobre o que é realmente importante que as crianças vivenciem, aprendam e construam como sujeitos da história e da cultura. Torna-se importante que o professor tenha conhecimento da relevância de se trabalhar as diversas artes com as crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, porém, é fundamental que tenha preparo para desenvolver atividades de forma adequada, de modo que as artes sejam trabalhadas nos seus diversos aspectos: afetivo, cognitivo, sensível, intuitivo e social (RCNEI, 1998).

Para tanto, é necessário que o professor busque conhecer obras de arte, a vida dos artistas, o contexto em que essas obras foram criadas, suas características mais marcantes, assim como, é preciso conhecer as diversas técnicas utilizadas em pintura, desenho, escultura e, da mesma forma, na música, na dança e no teatro. Envolver a arte no processo educacional de crianças para buscar uma educação significativa para elas, não se limita apenas em incluí-la em um currículo. Sendo assim, para Iavelberg (2003):

A arte não pode ser encarada como mágica. Portanto, para provocar um desenvolvimento educacional mais rico e significativo entre as crianças, é necessário que se reconheça a importância do envolvimento do educador e da instituição escolar.

Segundo Guimarães, Nunes e Leite (1999):

Experiências com artes plásticas, teatro, dança, música, fotografia, cinema, literatura, entre outras, nãopodem estar desvinculadas da formação do professor, pois, assim como todo cidadão, ele tem direito de vivenciar conhecimentos múltiplos da sua e de outras culturas.

Conforme os autores, é preciso enfatizar que muito mais necessário se torna o contato com experiências desta natureza para o profissional que estará envolvido diretamente com cidadãos que estão em processo inicial de construção cognitiva, afetiva,

social, física e cultural. A escola tem a sua parcela de responsabilidade na formação humana, na construção sensível do olhar sobre o pensar e do olhar sobre o mundo. A escola não é somente espaço para se aprender a ler, escrever e fazer contas e deve ir além do que é imediatamente utilizável. Assim, é preciso que a escola se comprometa com a sensibilização das crianças, ou seja, que oportunize experiências novas de descobertas e que possibilite a expressividade do aluno, permitindo que ele conheça a si mesmo e olhe para aquilo que o cerca com curiosidade e sentimento.

No entanto, isso só será possível no espaço escolar, se os seus educadores também passarem por esse processo, pois "o caminho da maturidade parece afastá-los do ser poético – precisam ser sensibilizados para que possam resgatar em si, o ser da poesia, o olhar sensível, a expressividade, o potencial criador." (DIAS, 1999, p. 178).

Esse processo de enriquecimento estético deveria se dar também na formação inicial do professor, porém, os vários saberes que compõem os currículos de formação do docente acabam por impedir a inclusão de conhecimentos relacionados às artes, entretanto, nada justifica esta ausência. E para preencher essa lacuna em sua formação, o professor pode buscar tais conhecimentos de forma independente ou coletivamente. Dias (1999, p. 179) comenta que essa busca pode ser pessoal ou em grupos de professores e que "os encontros devem ser realizados na própria instituição, sendo previstos também, visitas a museus, galerias de arte, ateliês e passeios pela cidade". Dessa forma, o professor ampliará seu entendimento sobre as diversas formas de arte, sensibilizando assim o seu olhar estético, permitindo-se novas experiências e potencializando a sua criação. Compreende-se que ao desenvolver o gosto pela arte, além de apurar a sua sensibilidade, o professor entrará em contato com diferentes obras e conhecerá o material utilizado para a criação delas, o contexto histórico, político e social no qual foram produzidas e a vida dos artistas que as produziram. Assim, é possível que o professor se forme e se construa culturalmente para uma atuação que integre, no seu cotidiano com os alunos, um envolvimento maior com o patrimônio cultural, com a criação, com a expressão, com o olhar curioso e sensível, enfim com a liberdade.

1.1 Pensar numa educação com Arte

A escola é o espaço das discussões sobre direitos e deveres, e de reflexão da realidade. É também a dimensão social das manifestações artísticas, que constitui uma das funções importantes do ensino da Arte, como propagado nos PCN. Ele aprende com isso, que existem povos, costumes, religiões, modos de produção e criação diferentes dos dele, elementos que o ajuda a compreender melhor o outro para uma convivência com as diferenças. Parte daí, uma consciência tanto de preservação dos patrimônios culturais, ambientais e o respeito pela diversidade.

O século XX foi o período em que as pessoas, destaque para o Brasil, puderam falar e produzir da forma que realmente achavam interessante, muitos dados puderam ser trazidos para a área pedagógica, que de posse das análises realizadas, chegasse a conclusões de que o ensino da Arte é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança.

No tocante às áreas que as Artes po-

dem diretamente influenciar, estão à antropologia, a filosofia, a psicologia, a psicopedagogia e as tendências modernas de crítica da Arte, partindo de princípios que valorizam o ensino das artes plásticas, da dança, da música e do teatro, denominado “Movimento da Educação através da Arte”, fundamentado nas ideias do filósofo inglês Herbert Read, movimento que teve como manifestação mais conhecida a tendência da “livre expressão”. O século XX foi também o período em que se pôde refletir sobre qual o lugar das artes na educação. Depois de muita discussão, chega-se à conclusão de que a educação em arte é importante na formação do indivíduo.

Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº 5.692, que institui o ensino profissionalizante, a Arte é incluída como Educação Artística no currículo escolar. A Arte neste momento é vista como uma atividade educativa e não como uma matéria. Mesmo assim, é percebido um avanço considerável, pois parte de pressupostos inovadores e, principalmente no que tange à formação do indivíduo, ela ocupa papel importantíssimo.

Contudo, o desenvolvimento efetivo da Educação Artística nas escolas, foi insuficiente, visto que a falta de professores com formação específica em Artes Plásticas, Educação Musical e Artes Cênicas não era suficiente para atender as necessidades da época, o que pode ser observado ainda nos nossos dias. Em 1988, com as discussões sobre a promulgação da Constituição Federal do Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, que seria sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996, traria, mais uma vez o ensino de Arte como alvo de críticas e manifestações. Uma das versões do novo documento legal apresentava a proposta da não obrigatoriedade da Arte nos currículos escolares.

1.2 A Arte passa a ser considerada obrigatória na Educação Básica

Com a Lei nº 9.394/96, a Arte passa a ser considerada área obrigatória na Educação Básica. O Artigo 26, § 2º é claro ao afirmar: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

O supracitado artigo da LDB, em vigência desde 1996, torna obrigatório o ensino da Arte na Educação Básica, contudo a situação, em termos de condições mínimas para que a legislação seja de fato cumprida, ainda se constitui num grande obstáculo na maioria das unidades escolares do país.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, relativos aos ciclos um e dois da Educação Básica, no volume 06, apresenta discussões pedagógicas para o campo das Artes. Afinal qual é o lugar das Artes nas escolas? Existe este lugar? Sabe-se que as atividades artísticas geralmente aparecem no desenvolvimento das atividades escolares, como apoio às demais disciplinas no processo ensino aprendizagem, mas pouca relevância é dada às várias modalidades e formas com as quais cada uma dessas manifestações se apresenta no campo escolar.

Os PCN’s então, sugerem que o estudo da Área Curricular Arte se divida em: Música, Artes Visuais, Teatro e Dança. E propõem que as atividades desenvolvidas possam possibilitar aos alunos, a percepção de que mesmo ao realizarem uma dramatização ao final de um projeto pedagógico trabalhado num certo período, esta atividade tem relações com a música, por exemplo, que tem

também suas especificidades, além do que é próprio na prática de dramatizar – os elementos do teatro.

Vale ressaltar que o documento oficial deixa claro que, devido ao fato de o professor das séries iniciais não ter uma formação específica na área, não se faz diferenciação dos conteúdos por ciclo, ou série, cabendo ao professor promover uma variação nas modalidades artísticas que serão trabalhadas. De acordo com a teoria desenvolvida por David Ausubel, a aprendizagem será muito mais significativa na medida em que novo material for incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e este adquira significado para ele a partir da relação com o seu conhecimento prévio.

Ao contrário disso, a aprendizagem será mais mecânica ou repetitiva, na medida em que produz menos essa incorporação e atribuição do significado, neste caso, o novo material será armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

A aprendizagem significativa tem vantagens notáveis no desenvolvimento do aluno, tanto do ponto de vista da lembrança posterior e a utilização do enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno como ponto de vista da lembrança posterior e a utilização para experimentar novas aprendizagens, fatores que a delimitam como a aprendizagem mais adequada para ser promovida entre os alunos, podendo deste modo, conseguir a aprendizagem significativa tanto por meio da descoberta como por meio da recepção.

Na teoria da aprendizagem significativa há três vantagens essenciais em relação à aprendizagem memorística. Em primeiro lugar, o conhecimento que se adquire é retido e lembrado por mais tempo. Em segundo lugar, aumenta a capacidade de aprender outros materiais ou conteúdos relacionados de uma maneira mais fácil, mesmo se a informação original for esquecida. Em terceiro lugar, e uma vez esquecida à informação, facilita quando a aprendizagem seguinte, à "reaprendizagem", para dizê-lo de outra maneira. A explicação dessas vantagens está nos processos específicos por meio dos quais se produz a aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa implica, como um processo central, a interação entre a estrutura cognitiva prévia do aluno e o material ou conteúdo de aprendizagem. Nesta perspectiva, Cool (1996) afirma que:

A significativa da aprendizagem está muito ligada à funcionalidade, isto é, a possibilidade de utilizar efetivamente os conhecimentos aprendidos quando necessário, portanto, quanto maior for o grau de significatividade da aprendizagem, maior será também a sua funcionalidade.

De acordo com os PCN"s, Ausubel aponta três condições básicas necessárias para que possa haver um processo de aprendizagem significativo:

1) A significatividade lógica do novo material que é preciso aprender, remete a estrutura interna deste, que não deve ser nem arbitrária, nem confusa para facilitar o estabelecimento de relações substanciais com os conhecimentos prévios do aluno; 2) A significatividade psicológica: para que a aprendizagem seja possível, o aluno deve dispor de uma estrutura cognitiva de conhecimentos prévios pertinentes e ativados que possa relacionar com o material que deve aprender; 3) Finalmente, e como uma terceira condição, o aluno deve ter uma determinada atitu-

de ou disposição favorável para aprender de maneira significativa, isto é, para relacionar o que aprende com o que já sabe.

Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais, volume 06, apontam para a necessidade do uso de critérios de seleção dos conteúdos de Arte. É necessário que o professor saiba o que é mais inerente à realidade do seu aluno.

A aprendizagem significativa tão discutida nos círculos pedagógicos tem uma forte relação com a Arte, visto que, os PCN"s apresentam a Arte como propiciadora do desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de dar sentido à experiência humana, levando o aluno a ampliar sua sensibilidade, percepção e imaginação, bem como favorece o relacionar-se criadoramente com as outras áreas do conhecimento.

1.3 O ensino da Arte e as concepções metodológicas.

Defendemos, atualmente, a Arte como conhecimento e não a Arte somente como o desenvolvimento de habilidades técnicas, como se acreditava há alguns anos (ou até como acreditam ainda, alguns professores). Reconhecendo Arte como conhecimento, os professores de Arte foram conquistando uma prática diferente da então tecnicista.

Segundo Mirian Celeste Martins (1998, p. 13):

A arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

Somando a esta fala, acrescento a LDB 9394/96, que estabelece que o ensino de Arte seja obrigatório no currículo escolar em todos os níveis de educação básica, com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Repensar a importância da Arte no espaço escolar é uma questão de direito, reforço. As linguagens artísticas devem ser conhecidas pelos indivíduos, conhecimento este que não tem idade, sendo assim, a apreciação, a compreensão, a fruição e a valorização da Arte serão conceitos adquiridos pelo sujeito para e durante a vida toda.

A preocupação com a formação dos professores de Arte se faz necessária, o que deveria estar presente na ação de governantes que se preocupam com a formação dos sujeitos, talvez de forma utópica, mas esta preocupação está presente, pelo menos na fala de muita gente. Mas, o despreparo de profissionais da educação que atuam em sala de aula, sendo de Arte ou não, mostra a necessidade de ações concretas voltadas para a formação continuada de professores e professoras. Nas escolas, o ensino da Arte, muitas vezes, ocorre de maneira tradicional e tecnicista, isto porque se acredita, ainda, que toda pessoa possuidora de habilidades técnicas, artísticas ou artesanais esteja habilitada a dar aulas de Artes.

Entende-se que professor de Arte além de conhecer Arte, deve exteriorizar criatividade, sensibilidade e entusiasmo naquilo que propõe a cada aula, do gostar de fazer e apreciar Arte. O que trata-se de suma importância também nas outras áreas do conhecimento, pois o sujeito criativo perpassa todas estas áreas e a Arte é um bom alimento para a criatividade. Os alunos, muitas vezes, demonstram dificuldades em explorar e comu-

nicar ideias, conhecimento, pensamentos e sentimentos, e o professor na sua dinâmica, deverá possibilitar caminhos para que o aluno se desenvolva por meio das linguagens artísticas, numa experimentação lúdica e cognitiva, sensível e afetiva, do poetizar, do fluir e do conhecer Arte.

1.4 O papel da arte na escola

Acreditando que somos todos seres humanos responsáveis pelo meio em que vivemos, aponto a Arte e o seu papel de importância com a tarefa de criar a identificação cultural para que mais tarde outros possam reconhecer os que aqui viveram. A Arte é fator essencial para que possamos compreender a nossa existência. Na escola adquirimos saberes que levamos para a vida toda, por essa razão não pode a escola negar aos sujeitos o contato com o fazer e o conhecer Arte. Duarte Junior (1988, p.134) diz que:

A arte é um elemento fundamental para que expressando suas vivências, o educando possa chegar a compreendê-las e a emprestar significados à sua condição no contexto cultural.

Se observarmos a trajetória do ensino da Arte em nosso país, perceberemos que ele passou por diversas transformações ao longo dos anos. Somente nos anos 90 a Arte passou a ser disciplina obrigatória em todos os níveis de ensino, a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que recebeu o nº 9394, 1996:30 – Art. 26–2° (1998, p.193), preconiza:

"o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos".

Se Arte é obrigatória no currículo, faz-se necessário destacar o que tratamos por currículo. Segundo Eisner Apud Barbosa (1997, p.84):

Currículos compreendem planos, atividades e materiais que têm por finalidade influenciar a experiência de quem aprende (...) elaborar um currículo de artes é distingui-lo claramente de tudo mais que é ensinado (...). Encarar as artes com seus próprios conteúdos, com a mesma equivalência das outras disciplinas. A arte não deve ser uma auxiliar dos estudos sociais ou das línguas.

Segundo o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais 1996, p.30):

"a Arte gera conhecimento, relaciona-se com as demais áreas, desenvolve o pensamento artístico e a reflexão estética". A arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas possibilita o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade.

Quando se fala em Arte, o termo cultura, na maioria das vezes é utilizado, assim como em outras discussões, por esta razão acredito ser necessária a definição deste termo para melhor compreendermos as relações estabelecidas. Segundo Ostrower (1978, p.13):

Cultura são as formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte.

Sendo assim, a Arte é elemento fundamental na vida dos sujeitos, por meio dela podemos nos comunicar e transformar o meio em que estamos inseridos. Por esta ra-

zão, o acesso a ela deve acontecer de forma a ampliar conhecimentos, não só o dos alunos, mas todos os que fazem parte da comunidade escolar.

Sabemos que todos os sujeitos têm o direito e o dever de frequentar a escola, desta forma o ensino da Arte torna-se fundamental, pois é ali, na escola, que muitos sujeitos terão a oportunidade de vivenciar a Arte, que não pertence unicamente a uma determinada classe social. Para que isto ocorra, deve haver um comprometimento de toda a comunidade escolar para que os sujeitos possam ter acesso à Arte que é um bem cultural da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que quando se refere ao Ensino Público, a oferta da disciplina de Artes ainda está restringida a uma ideia de que, o que deve ser ensinado é aquilo que é exigido para uma formação básica, pautada no que pode ser útil para aqueles alunos no futuro, enquanto mão de obra a serviço do capitalismo.

Para promover a ressignificação do Ensino de Arte é necessário antes, promover mudanças na forma através da qual o currículo é proposto dentro das escolas. Para tanto, deve-se buscar uma aprendizagem na qual o aluno considere o objeto de estudo como algo significativo e importante para a sua vida, pautada numa aprendizagem que traga significados para o mesmo. De modo que o discente possa intervir de forma crítica e consciente e possa fazer análises do que vê, do que sente, do que lhe é imposto - a educação tão sonhada pelos docentes. É uma tarefa árdua, repensar o currículo que atualmente é posto em prática.

Visto que desenho infantil é base de análise importante do progresso da criança e que seu desenvolvimento contribui para a representação simbólica, para o desenvolvimento motor, emocional e consequentemente para a aprendizagem como um todo, é possível dizer que o desenho é precedente a escrita, mas que os dois possuem uma relação de interdependência, pois quanto mais oportunidades as crianças tiverem de representar no papel toda a sua impressão sobre o mundo que a rodeia, seus sentimentos e emoções, mais ela estará preparada para se apropriar do sistema de escrita, visto que também é uma forma de representação.

Em suma, pais e educadores devem estimular as crianças e oportunizarem momentos significativos de interação, dentre os quais as atividades lúdicas têm um papel importante. O desenho, como uma atividade lúdica, é um forte aliado na construção do pensamento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5.692/71. Brasília, MEC, 1971.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Funda-